

11. 945-1

P. 11

Capixaba não dá valor aos seus monumentos históricos

(Continuação da página 1)

Uma das homenagens que ainda está bem conservada é a do "Movimento Expedicionário Espiritosantense", que representa um soldado com um fuzil, na posição de quem tomba para trás, como que ferido mortalmente em combate. Além de representar uma parte de nossa história, o movimento dá a impressão de movimento. Na face oposta do monumento há uma relação nominal dos que morreram na campanha da Itália. Um dos mais bonitos e bem conservados do Estado, na praça em frente ao Palácio Anchieta.

Para Araribóia já foi feito o projeto "Praça de

Araribóia", que segundo Libério ainda não tem prazo para entrega. "Este índio já andou mais que notícia ruim", lembra Libério. Araribóia, que habitava a avenida Beira-Mar, em frente ao Penedo, já passou uma temporada na Praia do Canto, na Praça da Finlândia. Dos monumentos públicos da capital, foi o que mais polêmica criou. No final da história, depois que a comunidade se mobilizou, o índio acabou voltando para a Beira-Mar.

Libério acrescenta que a Prefeitura está também restaurando a praça Philogomiro Lanes e Wolgano Neto, as duas em Jardim da Penha. "A Wolgano Neto teve recentemente sua pla-

ca roubada, mas já colocamos outra no lugar", finaliza Libério.

Para melhor conservar as obras seria necessário um esclarecimento da população em relação à história das pessoas que são representadas. Segundo o professor e historiador Renato Pacheco, o Instituto Histórico e Geográfico já fez o pedido para o retorno de Ubaldo Ramalhete à praça que leva seu nome. Ubaldo Ramalhete foi parlamentar, jurista e criador da Ordem dos Advogados do Brasil no Espírito Santo (AOB-ES).

Por trás das carinhas simples que apresentam muitos bustos e estátuas se esconde um grande passado histórico. Araribóia, criado

por Carlos Crepa — professor aposentado da Ufes que mora na Itália e tem várias esculturas espalhadas por Vitória — "é o símbolo do índio", segundo Renato Pacheco. "Há uma grande diferença entre o que o autor criou e o que batizaram. Na época simbolizava o índio. Depois que inventaram essa história de Araribóia".

Para Renato Pacheco, é fundamental a preservação, e os monumentos têm que ter indicação para as pessoas se guiarem. "Isso é muito importante, pois representa a nossa história". Pacheco lembra que já existe um projeto para construir "o panteão capixaba", que reuniria várias obras do Estado no Parque Moscoso.



o monumento ao trabalhador: sem o martelo



*“Bota o índio no lugar/ Ele quer tomar banho de mar/
 Bota o índio no lugar/ Ele é da avenida Beira-Mar/
 Era Araribóia/ Ele quer voltar pra lá/
 Doutor, por favor/ Bota o índio no lugar*

AJ11.74-2

A letra da velha música de carnaval premiada em um concurso da antiga TV Vitória Canal 4, nos tempos da Rede Tupi, foi cantada à exaustão pelos foliões descontentes com a saída da estátua de Araribóia da Beira-Mar. O “lobo” funcionou, e Araribóia voltou ao seu território, em frente ao Penedo, pra ser levada depois à Praia do Canal e voltar às origens. Nenhuma outra estátua, no entanto, teve este carinho do povo capixaba, que nunca mais se mobilizou nesse sentido.

João Barreto

Indiferente ao péssimo estado de conservação do seu patrimônio cultural, o capixaba já não se preocupa nem mesmo em identificar as estátuas que habitam as praças e ruas de Vitória. Placa de indicação já está se tornando quase um luxo para algumas placas e bustos, que não sabem o que é isso a muito tempo.

O professor Zerbini, por exemplo, antes de ser “Crazy Dog” — que significa “Cachorro Doido” — conforme a pichação no busto, foi considerado o pai da cirurgia cardíaca no Brasil. Há tantos anos quebrando pedra na Praça Ubaldo Ra-

malhete, o trabalhador da estátua que homenageia o trabalho está em recesso. É que o seu martelo foi roubado. O mais engraçado é que na mesma praça o Ubaldo Ramalhete, que dá o nome ao local, não se encontra mais lá. A obra foi roubada e agora está na Prefeitura, que pretende recolocá-la onde estava em breve.

O processo de deterioração das obras é acelerado, principalmente em época de eleição, quando os cabos eleitorais resolvem usá-las como mural. Em algumas ainda se encontram vestígios das eleições de 86, sem falar nas pichações diversas de movimentos que vão do

anarquismo à extrema direita.

Depois da moda de “catar” tampas de bueiro, que eram vendidas a ferros-velhos, as pessoas passaram para materiais mais valiosos, como o bronze. Segundo Libério Santiago, chefe da Divisão de Instalação e Manutenção da Prefeitura de Vitória, este ano a Prefeitura pretende acertar todas as praças. Para ele “a pior desgraça são os pichadores, pois eles usam uma tinta que é muito difícil de ser removida. Quando a estátua é de bronze, utilizamos olho de peixe, mas onde tem bronze os ‘gatos’ estão sempre metendo a mão”. (Continua na página onze)